

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

Resumo

Ao ler a cronística luso-brasileira, ficamos com uma visão do ideário da época e da noção de superioridade que prevalecia entre os colonizadores. Neste artigo, discorre-se sobre o que podemos aprender com a leitura das obras de Emmanuel Lévinas e com a sua teoria da alteridade, a propósito da construção do conhecimento, da aquisição de competência cultural e da aplicação da sua conceptualização do "Outro" à educação, ao ensino de línguas, tanto maternas como estrangeiras, e à acção social. Apresentam-se também perspectivas e reflexões que, de uma forma problematizadora, se referem às críticas pós-colonialistas inerentes à visão levinasiana do "Outro".

Palavras-chave

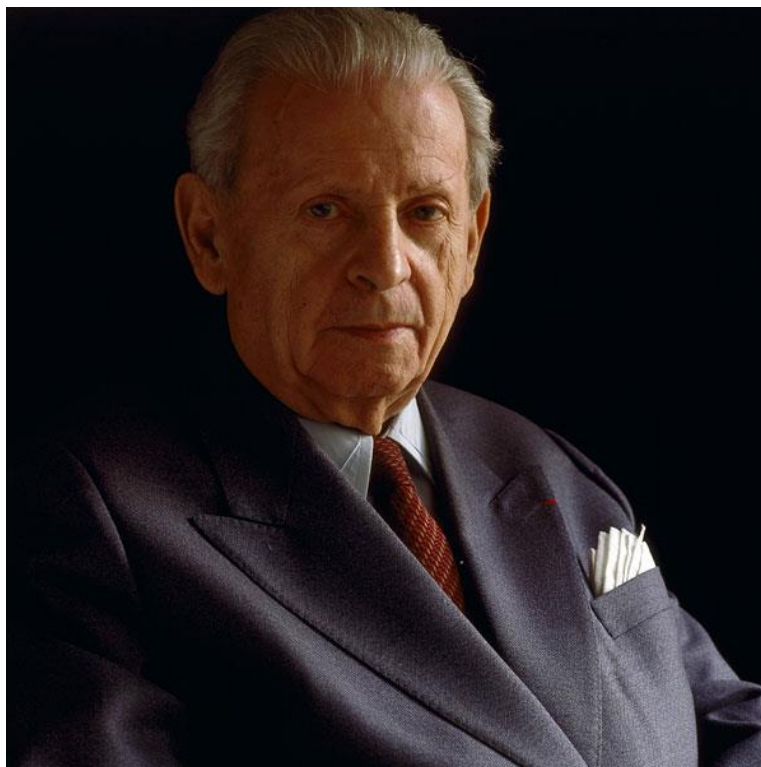
Lévinas. Alteridade. Mundividência. Ética. Diálogo.



¹ Uma versão diferente deste texto foi apresentada pela autora numa comunicação oral no IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, que ocorreu de 2 a 5 de julho de 2013, na Faculdade Letras da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, Goiás, Brasil.

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa



Emmanuel Lévinas (1906-1995)
(<http://goo.gl/a5sCcy>)

² Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática da Universidade Católica Portuguesa, onde é Investigadora Sénior do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura e Directora da revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica. Dedicou-se à docência e coordenação (cursos de Mestrado e Doutoramento e Projectos de Investigação). Ensinou nas Universidades Nova e Aberta e, nos EUA, Georgetown, Brown e Fairfield. Publicou: *As Humanidades e as Ciências—Dois Modos de Ver o Mundo* (Co-editora, 2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (Co-editora, 2011) e como autora, *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2011, ²2006, ¹2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte-Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de vários editoriais, prefácios, ensaios e artigos em volumes de homenagem, revistas e enciclopédias.

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

"...l'essence du langage est amitié et hospitalité"
"'Après vous': cette formule de politesse devrait être la plus belle
définition de notre civilisation."

Emmanuel Lévinas (*Totalité et Infini*, 1961, p. 282)

1. Introdução

Quando propus o texto que serve de base a este artigo para uma comunicação num Simpósio no Brasil, hesitei entre os títulos "Uma Leitura da Cronística à Luz de Lévinas", "Dois Modos de Ver o Mundo: a Cronística Luso-Brasileira e Emmanuel Lévinas" e "O Mundo Visto pela Cronística Luso-Brasileira e por Lévinas". Verifiquei, contudo, posteriormente, que a audiência prevista para a palestra iria ser constituída sobretudo por professores brasileiros e que a maioria das comunicações do Simpósio focava justamente os relatos referentes ao descobrimento do Brasil – nos quais é patente o orgulho hegemónico dos colonizadores, conscientes da sua superioridade cultural e religiosa baseada no logocentrismo europeu.

Decidi, por isso, que, em vez de fazer comparações entre duas mundividências, seria preferível considerar as menções à cronística como um dado adquirido e ter como objectivo principal uma análise do modo de ver o mundo de Emmanuel Lévinas, considerado como contraponto ao dos relatos dos descobridores, viajantes e colonizadores. Considero que este tipo de reflexão é particularmente necessário e proveitoso na nossa época tão marcada pelo

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

ódio ou pela indiferença para com "o outro homem". Creio também que a aplicação do pensamento de Lévinas para tratar do tema do simpósio se identificava com a concepção do IV SIMELP, que tinha como palavra-chave o *diálogo* entre as diferentes disciplinas e a variedade de discursos.

Neste artigo, proponho-me, por isso, apresentar uma perspectiva e uma reflexão teórica diferentes sobre o tema central do Simpósio que, de uma forma problematizadora, se refere às críticas pós-colonialistas inerentes à visão de o "Outro".

Na cronística luso-brasileira verifica-se como, através da literatura e da história, temos uma visão da mundividência da época, do papel da cultura e da noção de superioridade dos colonizadores na construção da desigualdade social dos colonizados.

A partir destas noções iniciais, na segunda parte do artigo pretende-se discorrer sobre tudo aquilo que podemos aprender a partir da leitura das obras do filósofo francês Emmanuel Lévinas (1906-1995) e da reflexão sobre a sua teoria da alteridade, a propósito da construção do conhecimento e da aquisição de competência cultural e da consequente aplicação da sua conceptualização de o "Outro" à educação, ao ensino de línguas, tanto maternas como estrangeiras, e à acção social.

Com esse objectivo, será apresentada uma panorâmica teórica dos conceitos-chave de Lévinas, como a já referida conceptualização de "Alteridade", e uma breve análise das suas posições epistemológicas e éticas, concluindo com uma sucinta referência às potenciais aplicações teóricas e práticas ao mundo da educação, com especial relevo para a formação de professores e de estudantes.

Este artigo está organizado em quatro secções. Na primeira, refere-se o tema do Simpósio e justifica-se a escolha do pensamento teórico de Emmanuel Lévinas como contraponto à cronística luso-brasileira, como anteriormente mencionado. Na segunda, são feitas referências biográficas e bibliográficas ao autor escolhido, à influência que a sua teoria da alteridade e o seu modo de ver o mundo tiveram na evolução do pensamento contemporâneo.

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa



Manuscritos escondidos no campo de concentração
(likesuccess.com/author/emmanuellevinas)

Na terceira, mencionam-se as implicações práticas que o estudo da conceptualização de o "Outro" concebida por este pensador pode ter no mundo da educação. Na quarta, e ao longo do texto, ir-nos-emos referindo a temas centrais da obra de Lévinas, tais como a Ética, o Outro e a Face.

2. Referências biográficas

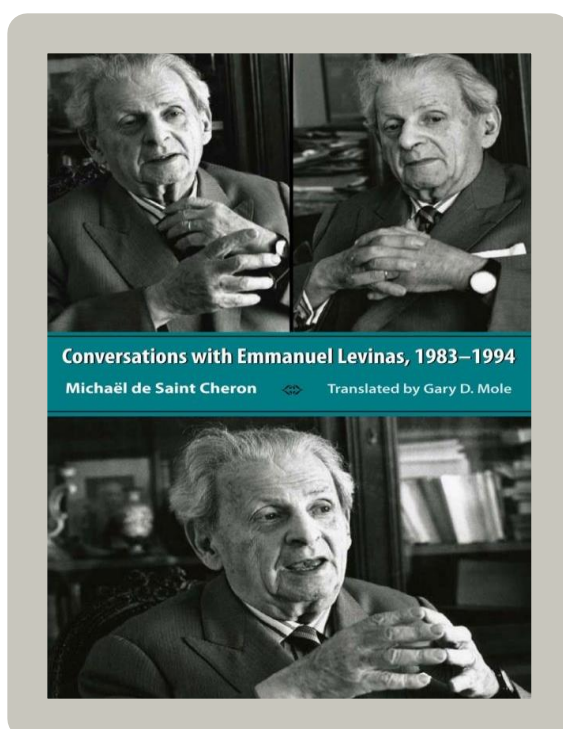
Emmanuel Lévinas (1906-1995), que era de ascendência judia, nasceu na Lituânia. Estudou na Lituânia e na Rússia e depois formou-se em Filosofia em Strassbourg (1923-1930). Em Freiburg (1928-1929), estudou com Husserl e Heidegger. Viveu em França, tendo-se naturalizado francês em 1930, e foi Director da Escola Normal Israelita Oriental e Professor de Filosofia nas Universidades de Poitiers (1964), de Paris-Nanterre (1967) e Sorbonne (1973). Segundo ele, chegou ao estudo da filosofia através da literatura. Distingue-se por ser um dos mais relevantes pensadores da sua época e, embora em vida fosse mal compreendido e negligenciado, actualmente é considerado uma das figuras mais carismáticas do pensamento europeu do século XX.

Ao longo de seis décadas, produziu uma abundante obra na qual desenvolveu a sua

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

filosofia da ética e do "Outro" e, entre 1982 e 1992, no final de uma brilhante carreira de sessenta anos, Lévinas deu inúmeras entrevistas que concorreram para tornar o seu nome e obra mais conhecidos.



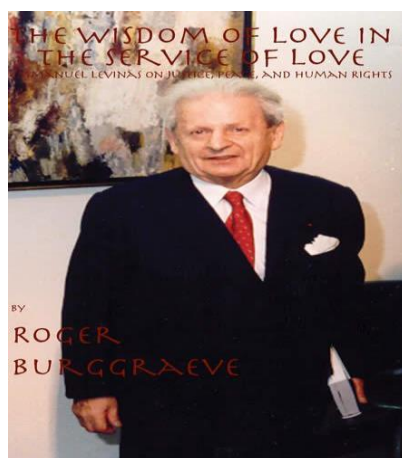
Entrevistas no fim da carreira

(www.dupress.duq.edu)

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

3. Teoria



A sabedoria do amor

likesuccess.com/author/emmanuellevinas

Para Lévinas, a primeira filosofia não é a lógica tradicional nem a metafísica. É uma descrição fenomenológica do encontro face-a-face ou da relação intersubjectiva, que ocorre ao sermos chamados pelo outro e ao responder-lhe. Segundo ele, nenhum acontecimento é tão perturbador de um ponto de vista afectivo para uma consciência que controla o seu universo como encontrar outro ser humano. No fundo, ele propõe uma hermenêutica da experiência vivida no mundo.

No centro do pensamento de Lévinas (i. e., nas obras de 1961 e 1974) estão justamente as descrições do encontro com outra pessoa. Essa reunião tem uma característica particular: o outro tem um impacto em mim diferente de qualquer objecto ou força deste mundo. Posso constituir essa pessoa cognitivamente, na base da visão, como um *alter ego*. Posso fazer com que outro ser humano seja "como eu", aja como eu e pareça ser dono da sua vida consciente.

Lévinas começou a sua carreira intelectual nos anos 20 do século passado e desenvolveu uma ética pós-racionalista original e abrangente da responsabilidade social. O seu "amor da sabedoria" é inspirado na "sabedoria do amor" bíblica e talmúdica, um conceito, que, segundo ele, deve estar presente na sabedoria que se procura atingir através da filosofia.

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

Esse amor da sabedoria é para Lévinas a "sabedoria do amor ao serviço do amor" (Lévinas, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, 1974, p. 207).⁴

FILOSOFIA É "A SABEDORIA DO AMOR AO SERVIÇO DO AMOR"

- A sabedoria do amor levinasiana difere de outros tipos de sabedoria.
- Que tipo de amor serve a sabedoria?
- A sabedoria surge quando surge o Outro e, para L., há sempre um diálogo
- A relação com o outro é a paz e implica pensar sobre o mundo e reflectir sobre o ser: conceitos que são necessários para a paz entre os homens (PP. p. 142)
- A necessidade de sabedoria e a sabedoria de amor de que fala a mensagem profética de Lévinas não é um ideal impossível mas algo de coerente e exequível neste mundo.

23

Fala-nos da "Filosofia como amor do amor. Sabedoria que ensina o rosto do outro homem!" (Lévinas, *Totalité et Infini: essai sur l'extériorité*, 1961, p. IV). O seu modo de pensar e a sua mundividência partem de um universo que nos é familiar (quaisquer que sejam as terras ainda desconhecidas, como era o Brasil para os Portugueses), de um *chez soi*, para um *hors de soi* (fora de si), que nos é estranho, em direcção a "um lá além" (o algures) até chegar ao Outro (o estrangeiro, o estranho) e tende para *uma coisa absolutamente outra*, para o *absolutamente outro*⁵. Assume assim uma posição ética distinta baseada no respeito e na responsabilidade pelo Outro.

⁴ Algumas das imagens incluídas neste artigo são cópia de diapositivos que foram apresentados na comunicação oral e, tendo sido realizados pela autora, não implicam, indicação da fonte ou *copyright*.

⁵ "A metafísica surge e mantém-se neste álibi. Ela está virada para o 'algures', para o 'diferentemente' e para 'o outro'". (Lévinas, *Totalité et Infini: essai sur l'extériorité*, 1961, pp. 21-22).

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa



(www.goodreads.com)

4. Conceito de "O Outro"

A obra de Lévinas baseia-se na ética do Outro ou, segundo ele, na ética como primeira filosofia (*Éthique et Infini*, 1982). Para este pensador, o Outro não é susceptível de ser conhecido e não o podemos tornar num objecto do sujeito, tal como acontece na metafísica tradicional (que Lévinas designa como "ontologia"). A sua *alteridade* não deve ser absorvida na minha identidade de pensante e de possuidor, como acontecia nos relatos da cronística. Desde o início, Lévinas rejeitou a unidade eleática do ser, dirigindo-se à alteridade infinita e irreductível do Outro. Esta sua corajosa ruptura com Parménides (*Transcendence et Intelligibilité*, 1996, p. 42) permitiu-lhe definir a ética como a "primeira filosofia" que privilegia a pluralidade, a exterioridade e a alteridade sobre a unidade, a interioridade e a ontologia. Para Lévinas, o que interessa primeiro não são as questões sobre o ser, mas sim sobre as relações com os outros.

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

São estas questões que o levam a afirmar que teme mais a injustiça do que a morte, e que prefere sofrer injustiças do que cometê-las. Conseqüentemente, afirma que devemos ter uma relação com o Outro e não o reduzir ao mesmo. Fala-nos da audaciosa e inspirada extravagância do *diferentemente do ser* [*autrement qu'être*] ou do *outro*, o *absolutamente outro*, o reinventar, reinventando não só o mundo, como *tudo* quanto é do mundo – a partir de um além insondável.



Desde 1980 que os estudiosos têm prestado grande atenção à filosofia ética de o "Outro" de Lévinas. Em *Humanisme de l'autre homme* (1987), Emmanuel Lévinas afirma não apenas que é possível mas que é de extrema necessidade que compreendamos a nossa humanidade através da humanidade dos Outros.

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

Levinas, L'Humanisme de l'autre homme

Esta obra é uma reacção filosófica ao niilismo dominante nos anos de 1960 e actualmente é uma leitura muito necessária quando um novo tipo de niilismo, disfarçado de humanismo, ameaça a nossa civilização. É um texto chave na obra de Lévinas, que nela apresenta o conceito de humanidade do ser humano como sendo apenas compreendido e descoberto através da compreensão da humanidade dos outros.

35

Declara também que ser verdadeiramente humano é permitir ao outro ser outro.

L'étrangeté d'Autrui

« A estranheza do Outro – não o reduzir a Mim, aos meus pensamentos e às minhas posses. A metafísica, a transcendência, o acolhimento do Outro pelo Mesmo, por mim, ocorre como o pôr em questão do Mesmo pelo Outro, i. e., como a ética que constitui a essência crítica do conhecimento precede a ontologia. »
(*Totalité et infini*, p. 33)

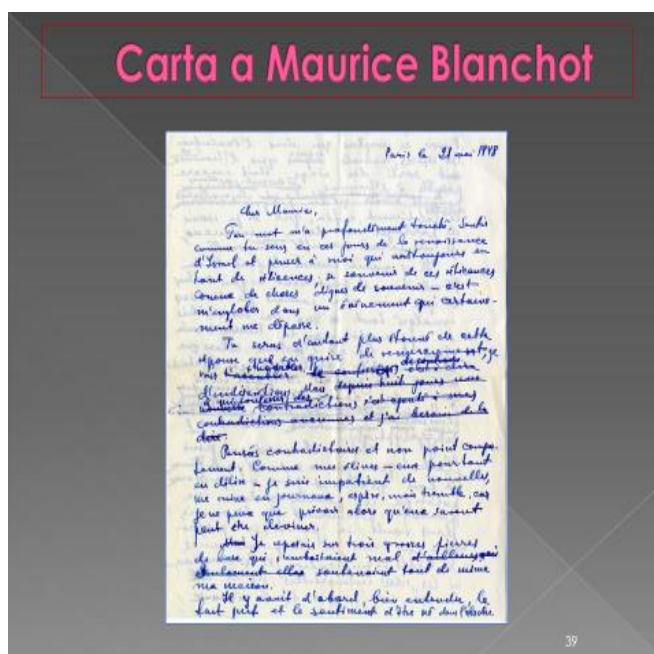
31

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

A experiência de deixar "l'autre" ou "autrui", como Lévinas o designa, ser outro pode ser desconfortável porque implica não saber e não ter poder sobre as pessoas. Trata-se, porém, do reconhecimento de uma verdade profunda que tem estado sempre presente pois nunca tivemos qualquer poder sobre alguém. A nossa liberdade resulta de mostrarmos compaixão e de deixarmos os outros serem eles próprios e não aquilo que nós decidimos que eles sejam.

Segundo Maurice Blanchot (*Connaissance de l'inconnu. L'entretien infini*, 1969, pp. 73-74), Lévinas põe em causa as nossas maneiras de pensar e torna-nos responsáveis por acolher, em todo o esplendor e infinito que lhe são próprios, precisamente a ideia do Outro, ou seja a relação com outrem. Segundo a noção igualitária de alteridade levinasiana, "o outro" paradigmático é o outro ser humano e todos são iguais.



(www.edtion-original.com)

Quando encontramos um estrangeiro, cujos modos e motivos são estranhos para nós, (tal como sucedeu aos autores da cronística luso-brasileira) sabemos agora que é o medo

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

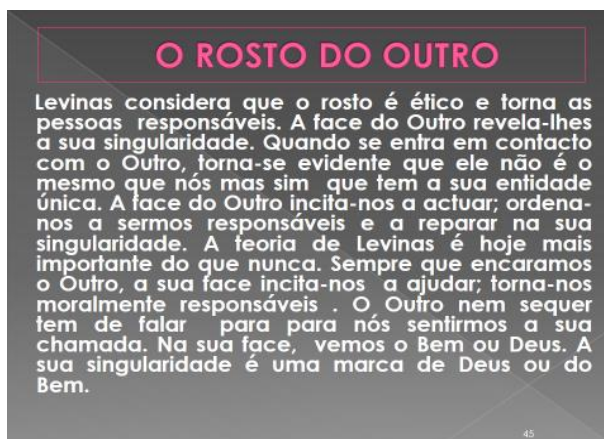
Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

que nos faz pensar que esse estrangeiro é um objecto que deve ser evitado ou controlado. Por outro lado, é a compaixão que nos permite vê-lo como um ser humano, com pensamentos e motivações como os nossos. Lévinas afirma que a humanidade do humano não se descobre através da matemática, da metafísica racional ou da introspecção. Encontra-se no reconhecimento de que a outra pessoa vem primeiro e de que o sofrimento e a mortalidade dos outros são as obrigações e a moralidade de minha identidade. Declara mesmo que a tradicional procura filosófica do conhecimento é secundária em relação ao dever ético básico para com o outro.

5. Ética

No pensamento de Lévinas, a ética já não está subordinada nem é identificada com a moralidade, como sucede no sistema de Kant. Em vez disso, torna-se aquilo que Aristóteles designava como "prima filosofia", tomando o lugar tanto da metafísica clássica como da moderna ontologia. Para ele, a ética, para além da visão e da certeza, delinea a estrutura da exterioridade. É um saber de bem-fazer, um repensar da humanidade, um vulnerável avizinhamo do próximo num movimento ou orientação para o outro absoluto.

6. A Face



DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

Outro dos temas fulcrais do pensamento levinasiano é o conceito de Face. Na sua obra *Altérité et transcendance* (1995) apresenta uma ética primordial da responsabilidade baseada no rosto do outro homem. Quando considera o encontro "face-a-face", pensa que a face humana é o lócus da transcendência. O desenvolvimento conceptual do papel do rosto do outro na ética de Lévinas põe em questão o meu ser. Na cara do *outro*, na nudez, tão imperativa quanto desarmada, do *rosto do outro homem*, vemos um apelo incisivo e obsessivo ou uma injunção imperativa que se revelam na sua face não como fachada mas como enigma e expressão de um além que se manifesta. Em "La Philosophie et la Mort", Lévinas diz-nos: "Je me suis demandé, vous le savez peut-être, ce que signifie le visage de l'autre homme" (*Altérité et Transcendance*, 1995, p. 84).

A este propósito é de referir que, em 1933, quando Lévinas escreveu as "Reflexões sobre a Filosofia do Hitlerismo" (1997), o seu mundo colidiu com o do famoso artista suíço Alberto Giacometti (1901-1966), que há muito estava obcecado com a dificuldade que encontrava em produzir no concreto e na sua emocionante materialidade, uma escultura que nos transmitisse todo o significado de uma face humana, tal como ele próprio confessava.

Foi por isso que, após ter produzido uma série de cabeças futuristas e deformadas – nas quais as faces foram sendo progressivamente simplificadas e reduzidas a uma indicação de um movimento material – esculpiu o seu famoso "Cubo" que tem sido estudado por intérpretes de renome como Didi-Huberman (*Le Cube et le visage. Autour d'une sculpture d'Alberto Giacometti*, 1993) e que evocam a passagem de um intuito objectivo em que uma das suas treze faces, que está virada para o chão, está cega para uma metaforização subjectiva do valor da cegueira.

Esta escultura foi feita após a morte do pai e corresponde a um gesto de luto. Surgiu após uma série de tentativas e experiências em pedra e o enigmático "Cubo" foi uma das raras obras que Giacometti permitiu que fosse permanentemente fundido em bronze, embora reconhecesse que não era realmente nem um cubo, nem um objecto surrealista, nem um exercício constructivista. Não tendo cara, representava a mais rarefeita e requintada das suas cabeças abstractas. Resultava, sobretudo, da luta do artista para construir adequadamente

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

(destruindo, a fim de proteger), numa forma multidimensional, o rosto humano – como evento, memória e como uma presença transitória mas repetida.

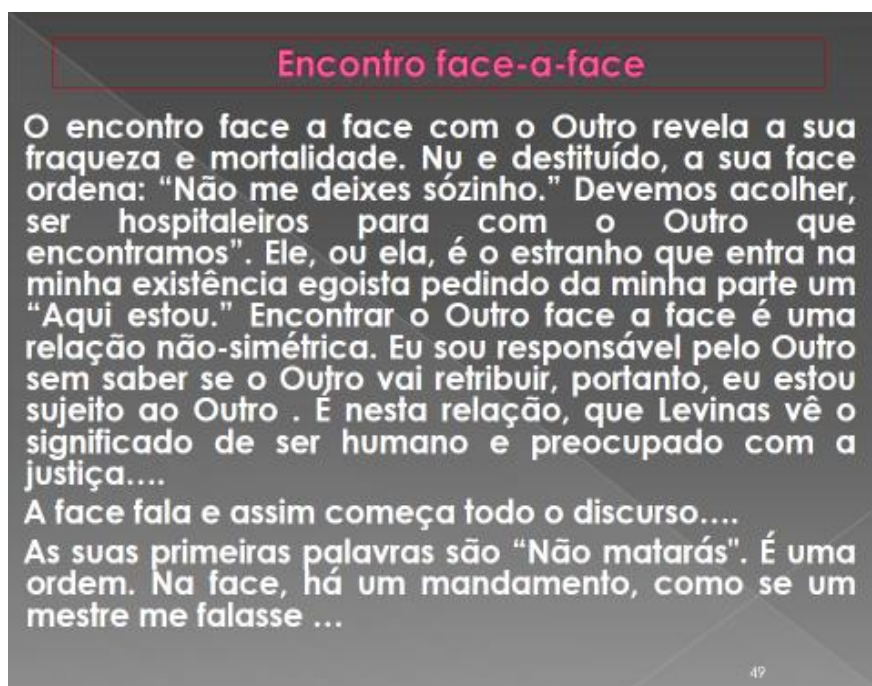


(www.flickr.com)

Por seu lado, Lévinas, como já referido, via o rosto como um ponto de origem de diálogo e, por extensão, de um discurso que não estava interessado em identificar o outro *per se*, mas sim em sentir com esse outro de tal forma que, quando estamos "face-a-face" com ele, somos infinitamente responsáveis por ele. Nesta relação ética básica, sou responsável pelo outro sem ter qualquer direito a que o outro tenha a mesma responsabilidade por mim.

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa



Esta assimetria está presente na ética de respeito e responsabilidade pelo Outro que Lévinas defende, segundo a qual o rosto humano nos ordena que sirvamos e demos ao Outro. Em *Humanisme de l'autre homme*, Emmanuel Lévinas afirma não apenas que é possível mas que é de extrema necessidade que compreendamos a nossa humanidade através da humanidade dos Outros.

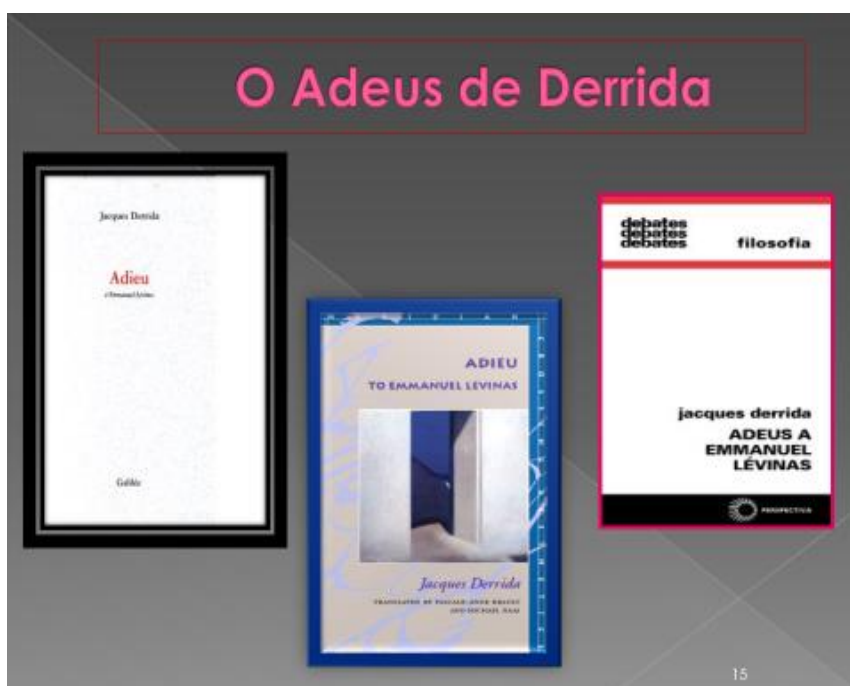
7. Influência

Devido ao seu modo de pensar radicalmente novo e diferente, a partir de 1950, Emmanuel Lévinas surge como um dos mais importantes teóricos no círculo dos intelectuais franceses e, desde o final dos anos de 1960, que tem vindo a ser publicado um número extraordinário de estudos sobre o seu pensamento. A influência da sua obra é profunda e de grande alcance, sendo reconhecida por figuras tão marcantes e diversas como Jean-Paul Sartre, Jacques Derrida e Enrique Dussel e tem sido evidente em disciplinas, como ética, filosofia da religião, estudos culturais e literários e sociologia. Derrida, na sua sentida e

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

comovente despedida, intitulada *Adieu à Emmanuel Lévinas* (1997, pp. 14-15), no cemitério Pantin, em Paris, em 27 de Dezembro de 1995, afirma mesmo que Lévinas terá mudado o curso da reflexão filosófica do nosso tempo.



Actualmente, naquilo que se poderia caracterizar como filosofia "pós-levinasiana", atribui-se grande ênfase ao problema da alteridade, de tal modo que o tema de "o outro" se tornou numa questão preeminente na filosofia.

8. Aplicação à área da educação

Devido ao facto de o IV SIMELP ter tido como concepção básica congregar estudiosos e professores da educação básica e do ensino superior, que devem estar conscientes da importância do aspecto humanizador na formação, tem decerto interesse considerar a aplicação das teorias de Lévinas à área da educação pois elas contribuem para o desenvolvimento da ética e da formação intelectual dos educandos. Podem também

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

concorrer para ampliar a competência comunicativa dos alunos levando-os a considerar que a língua portuguesa se constitui em espaços culturais em que as teorias pós-coloniais proporcionaram novos modelos interpretativos da realidade dos países colonizados.

Neste âmbito, começaremos por considerar o conceito de cultura, que tem sido objecto de tantos debates teóricos e políticos, e por afirmar, com Sheyla Benhabib (*The Claims of Culture: Equality and Diversity in the Global Era, 2002*)⁶, que estão ultrapassadas as noções essencialistas e holísticas da "cultura" (que dominavam a cronística luso-brasileira) visto que "as culturas" correspondem a uma constante mudança dos territórios imaginários que se encontram nos diálogos em curso e, conseqüentemente, devemos respeitar todos os indivíduos de culturas, etnias, religiões e classes sociais diferentes. Podemos assim, aplicando a teoria de o "Outro" de Lévinas (*Humanisme de l'autre homme, 1987*), reconhecer e afirmar o valor da diversidade cultural dos indivíduos ou comunidades, protegendo e preservando a dignidade de cada um.

Por outro lado, a noção de aquisição de competência cultural tem sido considerada positiva por impedir que se julguem todos por um único padrão de comportamento e também neste campo se trata de uma perspectiva inerente ao pensamento inovador de Lévinas. Resulta, justamente, da capacidade de compreender, comunicar e interagir eficazmente com "os outros" através das diferentes culturas e depende, portanto, da nossa proficiência para lidar com as diferenças e da nossa compreensão das relações entre o "eu" e o "Outro".

9. Conclusão

Como conclusão, e sabendo que um dos propósitos do simpósio era congrega pesquisas que apresentassem reflexões teóricas ou análises empíricas que, sob perspectivas críticas de-colonialistas e/ou pós-colonialistas, abordassem os problemas do nosso tempo e -

⁶ Nesta obra, Benhabib, seguindo as pisadas de Lévinas, apresenta a abordagem de que se deve desenvolver uma compreensão das culturas considerando que estão continuamente a recriar-se e a renegociar-se as fronteiras imaginadas entre "nós" e "eles".

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

sendo inegável que uma das maiores iniquidades no mundo contemporâneo é aquela que exclui uma parcela considerável de seres humanos devido a serem diferentes - parece que Lévinas é, sem dúvida, um dos pensadores sobre cuja obra devemos reflectir.

A leitura dessa obra ensina-nos que devemos dizer adeus ao mundo ditado pelo "outro" visto como *alter-ego*, como acontecia na era da escrita da cronística luso-brasileira, onde temos repositórios da visão do outro por parte dos povos e línguas em contacto. A voz de Lévinas reeduca o nosso ouvido para a escuta do outro antes, para além e diferentemente do ser e, através dessa escuta, para ouvirmos o próprio *humano*, que é perscrutado ao longo da imensa obra de Lévinas, que nos incita a repensar "nobremente o humano no homem" (*Humanisme de l'autre homme*, 1987, p. 96).

Ao fazer a pergunta "O que é o homem?" ou, melhor e mais justamente, "*Quem é ele?*", segundo Lévinas, devemos começar por responder ao apelo imperativo, obsessivo, anárquico e infinito do *outro* dizendo: "*Sim, eis-me aqui*". Pois, tal como é tão frequentemente citado, para Lévinas, o outro é antes de mais o estrangeiro, a viúva, o órfão, isto é, aqueles que clamam por nós a pedir ajuda (*Humanisme de l'autre homme*, 1987).

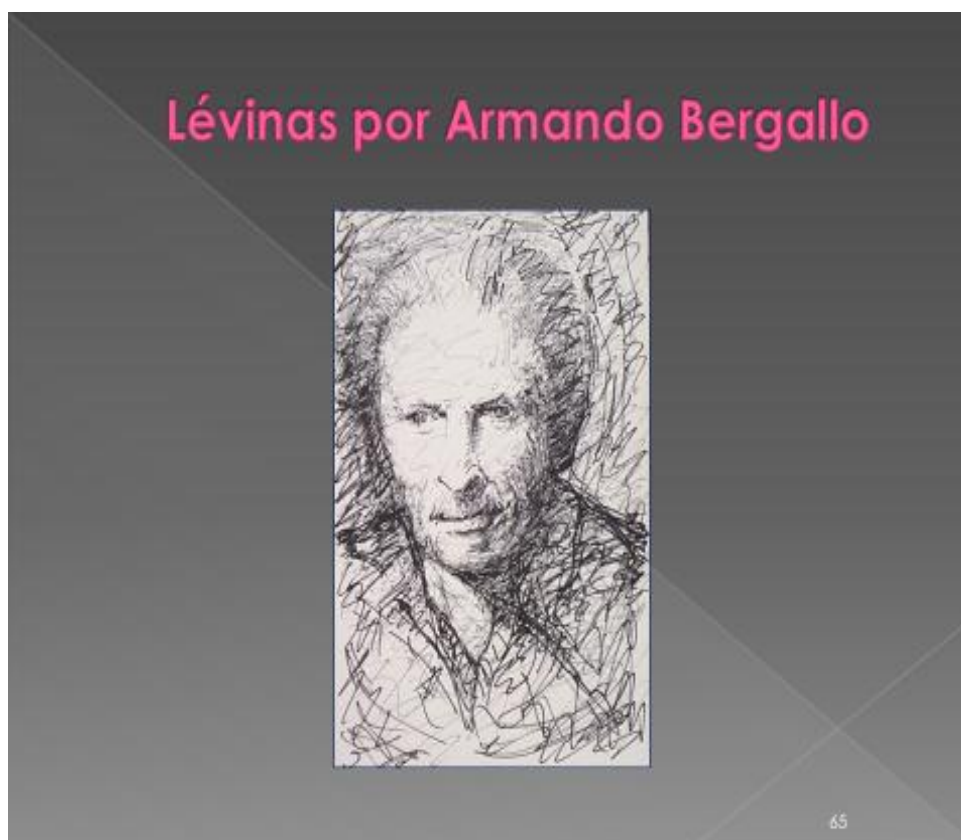
Deste modo, ao contrário do modo de ver o mundo da época da escrita dos relatos da Cronística, a não diferenciação entre o "Eu" e o "Outro" é transportada para a criação de uma identidade colectiva, mutuamente dependente da inexistência das identidades individuais dos seus membros e subsumindo os interesses do "Eu" às imposições interiorizadas da comunidade, estabelecendo uma relação entre as chamadas culturas da margem e as do centro, tal como devemos ensinar aos nossos estudantes.

Por outro lado, visto que, no IV Simpósio, se pretendia também relacionar diferentes olhares e, como acima referido, eram esperadas contribuições que abordassem as questões sob diferentes ângulos, parece que ouvir a voz de Lévinas – apesar da ambiguidade inscrita nos conceitos a que aludimos – nos pode ajudar a rejeitar o pessimismo cultural que invade o nosso mundo, um pessimismo histórico e antropológico, que contraria o espírito optimista do

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

Iluminismo, e a mundividência depressiva⁷ que afirma que o nosso mundo global se irá afundar no "choque de civilizações", de que nos fala Huntington (*The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, 2011), e nas guerras das culturas, contribuindo para restaurar a nossa fé na necessidade humana de relatar sob a forma de narrativas as experiências históricas e culturais do "eu" e do "outro", como aprendemos com Emmanuel Lévinas.



(www.armandobergallo.com)

⁷ Ver sobre este assunto Slavoj Žižek (*The Sublime Object of Ideology*, 1989, p. 48) e Richard Sennett (*The Fall of Public Man on the Social Psychology of Capitalism*, 1977, p. 268).

DOIS MODOS DE VER O MUNDO A CRONÍSTICA LUSO-BRASILEIRA E EMMANUEL LÉVINAS

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica Portuguesa

Referências Bibliográficas:

BENHABIB, Sheyla. *The Claims of Culture: Equality and Diversity in the Global Era*. New Jersey: Princeton University Press, 2002.

BLANCHOT, Maurice. *Connaissance de l'inconnu, L'entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.

DERRIDA, Jacques. *Adieu à Emmanuel Lévinas*. Paris: Galilée, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Le Cube et le visage. Autour d'une sculpture d'Alberto Giacometti*. Paris: Macula, 1993.

HUNTINGTON, Samuel. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 2011.

LÉVINAS, Emmanuel. *Éthique et infini*. Paris: Biblio Essais, 1984.

_____. *Quelques réflexions sur la philosophie du l'hitlérisme*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1997.

_____. *Altérité et transcendance*. Montpellier: Fata Morgana, 1995.

_____. *Humanisme de l'autre homme*. Gauteng: LGF, 1987.

_____. *Transcendance et intelligibilité*. Paris: Labor et Fides, 1996.

_____. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Kluwer Academic, 1974.

_____. *Totalité et Infini: essai sur l'extériorité*. La Haye: M. Nijhoff, 1961.

SENNETT, Richard. *The Fall of Public Man on the Social Psychology of Capitalism*. London: Penguin, 2003 [1977].

ŽIŽEK, Slavoj. *The Sublime Object of Ideology*. London: Verso, 1989.